

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

Histórias de Internautas

40 anos de amizade com os clientes na ZN

História de [Wilson](#)

Autor: [Maria Aparecida Cruz de Souza](#)

Publicado em 08/10/2019

Projeto Memórias da Zona Norte
Depoimento de Wilson Fernando Neves da Silva
Entrevistado por Maria Aparecida Souza e Claudia Ricci
São Paulo, 24/07/19
PCSH_HV_786
Realização Museu da Pessoa
Transcrito por Ana Carolina Dias

P/1 - Qual seu nome completo, local de nascimento e a data?

R - Wilson Fernando Neves da Silva, nasci aqui mesmo na cidade de São Paulo, estado de São Paulo, em 26 de julho de 1949.

P/1 - Qual é o nome dos seus pais?

R - João Osterval Neves da Silva e Hilda Graic.

P/1 - O que seus pais faziam?

R - Bom, meu pai ele era... Trabalhava em um hotel, administração hoteleira, mas já é falecido e a minha mãe sempre cuidou da casa.

P/1 - Como o senhor descreveria seu pai e a sua mãe?

R - Olha, pra falar a verdade, meu pai era uma pessoa moderna. Ele gostava de ir ao cinema, ir ao teatro, boa música, ele gostava de levar os filhos pra passear, era bom em muitos aspectos, né, assim, muito aberto pra época, sem repressão, sem nada, totalmente "bon-vivant" em muitas coisas. E minha mãe era uma pessoa bem doce mesmo, pra falar a verdade, isso eu não tenho problema nenhum.

P/1 - O senhor gostava de ouvir histórias?

R - Ouvir histórias? Bem, eu tenho um problema: eu sou um asperger hiperléxico. Quando eu aprendi a falar eu já sabia ler sozinho, então assim, eu era um leitor voraz de tudo, então o que eu posso dizer? Meu pai comprava jornal e eu lia o jornal com 2 anos de idade sozinho. Então eu não gostava muito de ouvir histórias, porque eu achava muito devagar, eu mesmo gostava de ler.

P/1 - Que bom. O senhor sabe qual é a origem da sua família, senhor Wilson?

R - Bom, meu pai deve ter origem portuguesa, né? (risos) E até holandês no meio, mas isso é coisa antiga, do Osterval, Osterv, né, e a minha mãe é totalmente filha de polacos. O meu avô materno e minha avó materna vieram para o Brasil e eram polacos, então assim, bem branco e loiro mesmo, né.

P/1 - E o senhor tem irmãos?

R - Eu tenho uma irmã que é um ano e meio mais nova que eu, mora no Rio de Janeiro.

P/1 - Ok. O senhor lembra da casa onde o senhor viveu a sua infância?

R - Sim, lógico. O meu problema é realmente ter boa memória (risos). Eu tenho memória desde criança mesmo, desde nenê quase, né. E assim, eu morava lá na região do Brás, Pari, né, tinha uma casa boa, com garagem e tal, e depois, durante um tempo eu vim morar aqui na Zona Norte, no bairro de Santa Teresinha, Rua Sumatra nº 36. Eu tinha na época seis anos de idade, então entre os seis, sete, oito anos eu morei ali e foi onde eu cursei o primeiro, segundo e terceiro anos primários. Eu cursei o primeiro e o segundo primários no Grupo Escolar Frontino Guimarães, né, ali no começo da Rua Conselheiro Moreira de Barros, e já o terceiro ano primário eu comecei numa escola que foi fundada ali perto em Santa Teresinha, mas depois eu me transféri de novo pro bairro do Pari, foi onde eu continuei.

P/1 - O senhor lembra quais eram as suas brincadeiras de infância mais favoritas?

R - Olha, é... O que acontece é que onde eu morava, eu morava no meio de vários primos, primas e primos, ao todo cinco primos homens e duas primas mulheres e eu era o mais novo de todos, então a minha brincadeira era com eles, era jogar bola na rua, era andar pelo bairro, a rua era de terra, a gente subia em árvore, na Estrada do Bispo mesmo a gente tinha várias árvores que a gente subia, tinha o rio que corria por ali que passa numa parte mais baixa da Avenida Antônio Moreira de Barros, que antigamente chamava Estrada do Bispo, então a gente costumava ir por aqueles matos ali, naqueles rios, andar pela linha do trem lá da Cantareira, ia muito pra Cantareira também, pro Horto Florestal, pro Parque, né. Assim, a gente realmente se divertia bastante.

P/1 - E nessa época além dos primos, tinha amigos?

R - Então, os primos já eram muitos, né (risos), e alguns amigos que eles também tinham na época, que eu tinha, né, então era bem divertido e na escola a gente sempre fazia amigos, né. No Bairro do Pari mesmo, a partir dos oito anos, tinha muitos amigos com quem a gente costumava andar.

P/2 - Como vocês iam até a Cantareira?

R - De trem (risos). A gente pegava o trem, porque ele saía... Bom, ele saía ali do Bairro do Pari, né, R. João Teodoro, e ele se subdividia ali na Cruzeiro do Sul, à esquerda ele pegava a Dr. Cesar, ia pra Cantareira, à direita ia pro Jaconã perto de Guarulhos, então a gente pegava o trem ali mesmo, eu não me lembro mais a estação que era, ou mesmo na Estação Santa Teresinha, né, que era perto da Chácara dos Padres, onde tem uma espécie de convento, alguma coisa assim. A gente pegava ali e ia pra Cantareira, pro Horto Florestal.

P/1 - Vocês iam sozinhos? Só crianças?

R - Olha, pra falar a verdade sim, viu. A gente com oito, nove, dez anos de idade pegava a condução, andava pra cima, pra baixo, de qualquer jeito, não tinha nenhuma preocupação.

P/1 - Você lembra alguma situação, algum acontecimento inesquecível nessas idas e vindas de quando vocês brincavam por ali, uma história?

R - (risos) Tem, tem várias coisas. Por exemplo, os meus primos pra ganhar o dinheirinho extra, faziam carroto na feira, montavam um carrinho de madeira e iam lá na feira ajudar as mulheres a fazer as compras, que não tinham carrinhos modernos, né, e a gente pegava esses carrinhos e ia lá na (no) Lauzane Paulista, por exemplo, e a gente ia a pé mesmo, até a (o) Lauzane Paulista, até lá em cima onde tinha uma engarrafadora de água mineral, tinha que trazer água mineral pra casa, em potes, em coisas diferentes, né, em litros de leite, sei lá. E eram coisas que eram corriqueiras de a gente fazer, a gente trazia água mineral de lá. Brincadeiras que a gente fazia, me lembro por exemplo que tinha quermesse na Chácara dos Padres, a gente ia lá naquela quermesse à noite... E jogar muita bola também, na rua, né.

P/2 - Mas teve algum dia assim que aconteceu alguma coisa, ou engraçada ou difícil?

R - Não, brigas às vezes de bandos de moleques na rua que tinha muitas, né, uma vez nós fomos buscar água mineral lá na Lauzane Paulista e cruzamos com outro bando e saiu um "pau" danado (risos), briga pra lá e pra cá, mas estávamos em menor número, tivemos de correr, pegar o ônibus, ainda bem que eu tinha dinheiro e pegamos o ônibus de Lauzane Paulista pra vir. Ai depois meus primos se juntaram, que eram maiores que eu, disse que foram pra lá e devolveram tudo. Então, mas isso era comum, porque eles eram realmente terríveis, eles formavam grupos de quatro e tinha um tio meu que era mais novo, que empatava com o mais velho deles que andava junto também, então assim, era realmente uma turma, né.

P/1 - Nessa época, o que o senhor imaginava que queria ser quando crescesse?

R - Era uma conversa que eu tinha com o meu pai porque... Ele achava que eu era bom de estudo e tal, e ele achava que eu tinha que ser arquiteto, engenheiro, né, então eu tinha isso meio na cabeça, né. E foi correndo, correndo, mas não sei se foi realmente isso que acabei abraçando, depois não rolou (risos).

P/1 - Então, qual é a primeira lembrança que vem ao senhor, da época que o senhor foi à escola?

R - Primeiro ano?

P/1 - Pode ser.

R - Bom, na verdade eu morava ali no Brás na época que eu entrei na escola, no primeiro ano, então entrei ali no Grupo Romão Puiggari, Avenida Celso Garcia, eu fui estudar ali no primeiro ano, posteriormente ainda no primeiro ano eu vim pra cá em Santana, né, na Santa Teresinha, mas eu comecei ali, eu nem sabia o que eu ia fazer na escola naquela época, eu tinha 6 anos, não sabia o que eu ia fazer lá, e entrei atrasado, entrei um mês atrasado. Minha professora lá disse: “É, ele vai ter problemas...” não sei o quê, e tal, aí eu entrei lá, quando eu tava na sala e abri a cartilha “Caminho Suave” no meio, já tava direto na lição do “Cedo, o cão bebe na cuia” (risos), aí eu olhei aquilo lá e fiquei lendo, né, enquanto a professora pôs uns cartazes ali em volta pra explicar as letras e tal, ela disse: “Olha, você vai sentir uma dificuldade, mas depois a gente vai ver como é que faz” e eu falei: “Não, por mim tudo bem, eu tô lendo, não sei o que eu vim fazer aqui, porque eu já tô lendo”. Eu tinha realmente aquela questão da hiperlexia, eu já sabia ler e não sabia que isto era uma coisa diferente. Não sabia que enquanto o pessoal tava engatinhando, eu já sabia ler, então fiquei ali na escola só que nem um turista.

P/1 - Teve algum professor que marcou mais a sua história de estudante?

R - Então, nesse primeiro ano a professora se chamava Fernanda e como eu me chamo Wilson Fernando, ela ficou me tratando de forma especial, né. E quando tinha leitura pra fazer, eu fazia e tal e eu achava que, sei lá, tinha um trato especial. Nessa mesma ocasião, até o meio do ano eu me mudei pra Santana e tudo bem, mas não tinha problema nenhum na escola, nunca tinha.

P/1 - E como que o senhor ia pra escola?

P/2 - Desculpa. Wilson, conta um pouco dessa experiência de você ter essa capacidade de ler desde muito cedo, como você descobriu ou seus pais, conta um pouco essa experiência como era?

R - Então, na verdade isso aí é meio esquisito, porque assim, eu me lembro muito bem que meu pai comprava jornal e ele deixava lá e eu ficava lendo, aí eu andava de ônibus com a minha mãe, ia visitar as tias aqui em Santana e tudo mais, eu tinha duas tias que moravam aqui na verdade, e aí eu pegava aqueles letreiros que tinha de propaganda no ônibus e ficava lendo, mas eu tinha três anos, dois anos sei lá. E minha mãe ficava falando assim: “Eu não entendo como é que ele lê sozinho...” mas eu leio sozinho mesmo, mas eu lia sozinho, eu não sabia que isso era diferente. Aí eu lia sozinho. Aí o meu pai ficava falando assim: “Não sei o que ele tem, que ele ficava lendo sozinho.” E na verdade, isso é chamado de autismo de alta funcionalidade, eu era às vezes meio fechado, mas era porque eu tava decifrando os códigos e eu não sabia que isso era uma coisa diferente, meus pais ficavam assim, tipo: “Como é que ele sabe ler?” e tal, e aí eu entrei na escola e depois que eu entrei na escola eu vi o esforço que todo mundo tava fazendo pra aprender a ler e eu já sabia e não sentia dificuldade nenhuma, enquanto eles estavam naquela lição do C e tal, eu já tinha ido naquela cartilha até o fundo e fui lendo, então eu nunca tive problema na escola, realmente, como se diz? Não é pra demonstrar qualquer coisa, né, mas a escola passava assim... E quando, por exemplo, pegava todos os livros no ginásio, já no primeiro mês, antes mesmo de começar as aulas já lia tudo, mas era assim, era gosto de ler, né.

P/1 - E como o senhor ia pra escola, senhor Wilson?

R - Ia sempre a pé, né, no primeiro ano eu morava lá perto daquela escola no Brás, e tinha que atravessar a Avenida Celso Garcia, mas ela tinha um pontilhão que passava ali por baixo, então ia sozinho, numa boa, eu me lembro muito bem que eu era muito distraído, andava na rua e ficava olhando tudo em volta assim (risos), indo pra escola naqueles primeiros dias né e às vezes pegava um gibí e ia lendo, andando e lendo, e numa dessas ocasiões entrei numa caixa de lixo, bati com a cara no poste, indo pra escola (risos) antes de descer o pontilhão, mas na verdade isso aí era o meu normal, eu era meio desligado, mas na hora de brincar falava muito, isso falava demais, porque acho que é uma coisa do hiperléxico, ele lê muito e depois fica falando muito sobre aquilo que lê, então era até chato, né, era realmente um pouco diferente.

P/1 - Vamos mudar um pouquinho então? O senhor poderia falar um pouco do seu primeiro namoro?

R - Bom (risos)... Eu era meio apaixonado, né. Primeiro eu fiquei apaixonado pela minha prima de segundo grau, mas eu tinha 14 anos, 13 anos, não sei (risos). Ah, mas assim, foram diversos, foram... muito instável, muito mesmo, não sei dizer, as coisas acabaram se perdendo no tempo.

P/1 - Quando o senhor começou a sair sozinho ou com seus amigos?

R - Eu saía com os meus primos, que eram meus amigos, então isso foi desde a infância mesmo, desde direto, ou com 14, 15 anos. Como naquela época a gente não tinha televisão e esse é um detalhe, enquanto muitos já tinham televisão, meu pai achava que não devia comprar televisão, porque achava que ia estragar minha escolaridade. Então assim, com 13, 14 anos, eu ia sozinho pegar esses cinemas de bairro, que passava dois filmes, né, ia uma ou duas vezes por semana no cinema direto, sozinho, com colegas, com amigos, com parentes.

P/1 - Tinha algum gênero de filme que o senhor gostava mais?

R - Aquele que eu não tinha assistido ainda (risos). Assistia de tudo, então pra quem vai no cinema toda semana e assiste dois filmes, acaba vendo tudo, né. Então, na verdade, a gente via todos os gêneros, eu me lembro, eu era muito “cinemeiro” mesmo, minha mãe também gostava muito de cinema, eu ia no cinema desde o colo, né. Minha mãe falava até que uma vez levou a mim no cinema, eu era de colo e não podia entrar, porque

era pra crianças menores de cinco anos, aí acenderam a luz do cinema, a polícia começou a dar bronca nas mães que estavam todas com os filhos de colo no cinema, mas é só pra ilustrar que a gente ia direto no cinema, era uma diversão, né.

P/1 - E o que mudou em relação à sua infância aí nessa fase?

R - Eu não sei, acho que nunca tive uma mudança brusca, ela foi assim numa sucessão de crescimento, eu tinha uma irmã que era mais nova do que eu, tenho aliás, que mora no Rio de Janeiro, um ano e meio mais nova, então a gente andava assim bem junto sempre, parecia namorado, né, e o despertar daquela época de adolescência com 12, 13, 14 anos, a gente tava junto, 15 anos... Era uma época de Beatles, de música romântica italiana, aquela coisa toda, então era uma coisa que a gente curtia, entre eu, meus primos, os colegas de escola, às vezes a gente fazia aqueles bailinhos de adolescência dos anos 60, coisa dos anos 60 mesmo, 60 e poucos, 65, era normal, né.

P/2 - Descreve um baile desses pra gente?

R - Eu fazia em casa o baile e chamava todo mundo (risos).

P/2 - Mas como era assim o ambiente, como eram as danças.

R - Na verdade é o seguinte, como eu gostava muito de cinema e gostava muito de música, então desde os 12 anos, por aí, eu tinha uma vitrola lá em casa e eu comprava discos sempre, direto, vivia comprando discos. Era Ray Conniff, [Betic Ane Fertino?] aquelas orquestras, bandas que tinham na época, de orquestras, e eram dançantes, né. Aí os discos né: Sergio Endrigo, Emilio Pericoli, Rita Pavoni e aí vai... então a gente fazia bailinhos e tinha meus primos e minhas primas, e chamava todo mundo, e chamava vizinhos, colegas de escola, e tinha muita paquera no meio também, né, então a gente curtia bem, viu;

P/3 - E como o senhor conheceu sua esposa?

R - Minha esposa já foi uma coisa mais tardia, né, com 20... 23 anos, eu acho. É, 22 anos... Conheci ela do bairro mesmo, ali do Pari, onde a gente morava, que ela também era do Pari, eu já havia tido umas outras namoradas antes, mas eu mesmo... Eu não era fácil de lidar, então às vezes (risos) as coisas começavam e acabavam. Mas na época, quando eu tinha 23 anos, eu achava que já tinha que dar uma firmada e tal, então queria uma coisinha mais... assim, mais consistente. E aí ficou, foi. Noivamos, casamos, temos dois filhos até hoje, normal.

P/1 - Quando o senhor começou a trabalhar? Qual foi seu primeiro trabalho?

R - Bom, oficialmente meu primeiro emprego foi em 1965, em eu acho que agosto. Entrei na RCA Victor, escritórios da RCA Victor, lá na Avenida Ipiranga como office boy, tinha acabado de fazer 16 anos, office boy interno e tal. E era um ambiente legal, uma empresa americana que tinha gravações de discos, fazia válvulas e equipamentos eletrônicos pra rádio, televisão. Mas ali é o seguinte, em um mês e meio me mandaram embora porque eu briguei com o advogado da empresa (risos). Eu tinha 16 anos, ele queria me mandar levar uma coisa pra um lado, eu falei: "Eu só levo isso aqui depois que eu voltar, agora não!" e tinha que ser agora, ele era... Aí me mandaram embora. Foi muito bom isso, porque depois de uns meses, eu entrei... Eu deixei passar as férias escolares, final do ano, e no começo de 66 eu entrei no City Bank, First National City Bank, lá na Avenida Ipiranga, esquina com a São João. Que era uma ótima empresa, trabalhei três anos lá, pouco mais de três anos eu acho, trabalhei de office boy, depois passei a funcionário e ali inclusive eles pagavam escola, tinha restaurante, então foi uma mudança pra melhor.

P/2 - Vamos voltar um pouquinho ainda, quando o senhor circulava bastante pela região. O Pari, na época, fazia parte da Zona Norte?

R - Era considerado Zona Norte, eu não sei se é até hoje, porque eles têm dificuldade em fazer esse mapa, mas Pari e Canindé eram considerados Zona Norte, durante muito tempo foi considerado Zona Norte, ou é ainda? Porque o centro é um raio de 2km da Praça da Sé, e realmente é a distância que o Pari, quer dizer... Do Pari até o Canindé dá muito mais que isso.

P/2 - E você diz que circulava muito... Como era a paisagem? O que mudou? O que o senhor observou de mudanças, já que andava muito por tudo ali? Por exemplo, onde é a Marginal, como que era?

R - Ah sim, a Marginal não existia, né. A Marginal não existia, na verdade era a margem do Rio Tietê, era cheia de campos de futebol de várzea, um ou outro lugar que tinha um lixão e tal, mas assim, você tinha liberdade de andar, ali no estádio da Portuguesa, eles nem tinham estádio ainda, tinha o Clube da Portuguesa e o que era chamada de "A lagoa da Portuguesa", no Rio Tietê fazia uma lagoa onde o pessoal ia pescar, que eu já fui com vizinhos ali, colegas meus vizinhos, até os anos 60. E a Marginal parece que começou a ser construída no meio dos anos 60. Então até 1965, por exemplo, que eu me lembro, 1966, não tinha Marginal, era tudo campo de várzea e a gente jogava bola, ia andando e achava mais gente e continuava. Do lado de cá também, do lado de Santana, onde os meus primos moravam, a mesma coisa. Eu me lembro até de a gente jogar bola num campo de futebol que era da Aeronáutica no Campo de Marte, que às vezes a gente ia, a gente ia lá e jogava bola lá também, então a molecada circulava muito, não precisava andar pai, ninguém, andava a pé grandes distâncias, sem problema nenhum.

P/1 - Como era para atravessar do Pari pra Zona Norte, já que o senhor tinha parentes aqui pra visitar?

R - (risos) Bom, aí é um detalhe. Não existia a Ponte do Tatuapé, nem a Ponte da Vila Maria, não me lembro da Ponte da Casa Verde, só a tinha a Ponte das Bandeiras que era nova, que a gente gostava de passar lá e ver os os associados do Esperia e do Tietê andarem a remo, né, ficava ali olhando, e tinha o Pontilhão, o Ponte da Vila Guilherme, que era uma ponte rasa, uma ponte bem à beira do rio mesmo, vadeando o rio essa ponte, e no máximo passava um carro que ia sair bem ali na Avenida Guilherme, e eu me lembro que ou a gente vinha por ali, mas normalmente,

com ônibus elétrico e tal, vinha pela Ponte das Bandeiras ou pelo trem que passava sobre a Cruzeiro do Sul ali, não existia a Ponte Cruzeiro do Sul, era só a ponte do Trem

P/1 - Agora voltando para a área do trabalho também, o que o senhor fazia com o dinheiro que o senhor ganhava?

R - Gastava, né. (risos)

P/1 - Em que?

P/2 - O primeiro salário, o senhor lembra?

R - Ah... Primeiro salário? Sei lá, comprava as coisas... Nem lembro mais. Eu comprava coisas, gostava de comprar muitos discos, comprava revistas, comprava... Andava muito de ônibus pra lá e pra cá, então... Ia no cinema, lógico, nos gastos pra mim, eu também ajudava em casa, nos gastos pra mim... Era basicamente isso.

P/1 - E que outros trabalhos o senhor fez?

R - Quando criança, quando jovem? Olha, eu me lembro até que, por exemplo, quando moleque ainda, como eu comprava muito gibi e fazia pilhas de gibis em casa, então às vezes, com 13 ou 14 anos, juntava os gibis e ia vender na feira que era na porta da minha casa lá no Pari (risos). E eu também tinha uns primos da minha mãe, um pessoal meio polaco, que tinha sítio lá em Guarulhos e que participava das feiras livres, com banca de verduras e tal, então eles vinham de caminhão, tinha banca de verduras tinha banca... Tinha uma feira muito grande ali no Brás, no Pari, no domingo, Rua Maria Marcolina, por ali, e eles faziam feira ali e faziam em outros lugares, então às vezes a gente ia ajudar eles na feira de manhã, vinha às vezes aí voltava carregado de verdura pra casa. Aí... Sei lá, aí meu emprego foi quando era menor de idade, foi também no City Bank, depois passei a ser funcionário com 18 anos, aí eu saí do City Bank e depois de uns meses, agosto, setembro... provavelmente agosto de 1969, fui trabalhar na CESP, Centrais Elétricas de São Paulo, que constrói essas usinas, Ilha Solteira, Jupia e outras, depois foi construir Itaipu. Foi um ótimo emprego, trabalhei uns sete anos ali e durante um bom tempo ali, entre meus 19, 20 anos, até os 27, foi uma época gostosa da juventude. Ali também teve oportunidades na CESP de a gente poder viajar, visitar as unidades, então eu entrei numa fase em que eu viajava pela CESP nas unidades de distribuição, nas usinas, ia nas usinas, fazia levantamento patrimonial, entrava dentro das usinas e ia com alguns colegas engenheiros também do meu setor, que fazia medição de barramentos, contagem de transformadores, linhas de transmissão. Foi uma época assim bem "arejada" pra quem tinha 20, 20 e poucos anos, tudo pago, até viagem de avião fiz na época, pra Ilha Solteira, foi realmente gostoso aquela época.

P/2 - Wilson, o senhor contou pra gente do comecinho da sua escola, e agora está contando que fazia esse trabalho, você estava em que fase de escola?

R - Então, ali na... Quando eu entrei na CESP eu tava fazendo o último ano do colegial e eu cursei o técnico de contabilidade, então tenho o diploma contador, nessa época, por isso fui trabalhar no setor de contabilidade patrimonial, que incluía engenheiros, que faziam os lançamentos de todos os bens da empresa e os balanços patrimoniais, que é o que a gente fazia, então a gente cuidava do patrimônio da empresa, inclusive das instalações físicas, das usinas, dos equipamentos todos, então eu aprendi a conhecer um monte de equipamentos, talha guinchos, escavadeiras, tratores, que a gente inclusive cadastrava. Por isso tinha que fazer tantas viagens. Ali, na época, eu tava pra entrar no curso de Administração de Empresas, entrava ou não entrava, acabei não estudando, porque o contador ali já tava de bom tamanho. Depois da CESP, com 27 anos, eu fui trabalhar na Philips, até os 30 anos, trabalhei da Philips no setor de compras, suprimentos. Como eu era meio bom em inglês e precisava usar o inglês lá, o pessoal usa muito inglês na Philips. E trabalhei lá até os meus 30 anos, quando então eu fui pra Salus, na área comercial.

P/1 - E trabalhou na Salus em que área?

R - Comercial, com vendas. Entrei direto pra vendas, o que aconteceu, eu tinha um primo que trabalhava lá, de vendas, e aí surgiu uma vaga lá e eu tava até dando uma andada com ele ali, porque eu tava de férias, conversei com o gerente lá e ele falou: "Então vem trabalhar aqui" e tal, e eu fui. Eu tinha 30 anos, já tava casado, aí fui trabalhar lá. Então eu saí da contabilidade e fui trabalhar em vendas. E... na verdade era um ótimo emprego, ganhava-se bem em vendas, tanto que ali a gente se deu bem durante um bom tempo ali.

P/1 - Onde ficava a Salus?

[Vídeo 3] R - Ficava na rua... Eu acho que o nome antigo era Rua Francisco Duarte, depois mudou pra Henrique Felipe da Costa, Era Rua Francisco Duarte, ali na Vila Guilherme, travessa da Joaquina Ramalho, e eu entrei lá em 7 de janeiro de 1980, tinha 30 anos então. E a gente entrou na área de vendas, eu... Inicialmente eu cobri uma área que pegava Vila Maria, Guarulhos, Mogi das Cruzes, ia até a Zona Sudeste, Zona Leste e Sudeste, uma área extensa, e foi uma... Um mês... Aliás, fazia um mês que tinha sido inaugurada a segunda loja do Carrefour na Vila Maria, que ficou pra mim como cliente, o meu primo atendia o Carrefour de Pinheiros, que é a primeira loja do Brasil, Vila Maria era a segunda, e eu comecei a atender o Carrefour da Vila Maria. Nessa ocasião a Salus lançou filtros de água, filtros de água que era de barro, lançou o chamado filtro acrílico, foi realmente nesses meses, início de 1980, com boia e tal, nitrato de prata e tal... E a gente começou a vender os filtros no Carrefour, foi numa época que houve um "boom", um estouro de venda de filtros, principalmente no Carrefour, com promoções e tal, a gente acertava, negociava promoções com a gerência dos supermercados, então a gente deixava 100, 200 filtros em ponta de gôndola, na entrada da loja e a gente vendeu muito e ganhou muito também.

P/1 - Em relação ao produto que o senhor vendia, o que o senhor pode contar em relação... pro senhor como pessoa, além da parte de garantir o

seu sustento?

[Vídeo 2] R - Bom, na verdade era o cuidado com a qualidade da água, né, e os filtros do jeito que são, com velas e tal, do jeito que são hoje em dia, já dezenas de evolução, eles começaram em São Paulo, começou lá em Jaboticabal e em 1935, a empresa do Antônio Nogueira, Antônio... Comercial Nogueira Ltda, alguma coisa assim, começou em 1935 a fazer filtros, já fazia outras talhas, utensílios de barro, de argila, e alguns vitrificados, como louça, que nem a pousana em Jundiá, porque assim, era uma necessidade no Brasil, em São Paulo, que estava crescendo muito, de utensílios domésticos de barro, porque em geral eles eram importados e eram caros, então essas empresas começaram a crescer bastante e os filtros passaram a ser um produto da linha, e quando se descobriu a maneira de fazer uma vela mais compacta que coubesse dentro de uma talha de barro, se fizeram os filtros de barro com aquela vela substituível, que chamavam de pedra mas não é pedra, porque antigamente era realmente uma pedra, mas era um trambolho, aquilo pesava 20kg pra filtrar a água, e quando esses filtros foram feitos, era inicialmente feita a parte de cima e de baixo de barro. A Salus em 1980 começou a fazer com acrílico em cima, ficou mais leve, isso proporcionou a possibilidade de colocar uma boia, também o filtro já vinha com nitrato de prata, que vem de uma associação do... Da amizade do senhor Antônio Nogueira com o... Roberto Rotinger, que era um professor da USP que desenvolveu nitrato de prata (prata) como meio esterilizante, e ele passou a botar nos filtros, isso em 1935, era o único filtro que tinha isso. Esse nitrato de prata incorporado ao filtro de acrílico, com carvão ativado e com boia ele passou a ser muito vendável a partir dos anos 80 e todo mundo precisava usar um filtro em casa porque não tinha jeito, ou você usava um filtro da Salus ou usava um filtro do interior que talvez não tivesse a mesma qualidade. Então era uma coisa que a gente vendeu muito, dinamizamos muito, eu e meu primo fomos os melhores vendedores da época, a gente atendia várias lojas, supermercados do Carrefour, depois posteriormente aqui na Zona Norte eu passei a atender outras lojas do Carrefour no bairro do Limão, no Bergamini, Cândia.

P/1 - Era um produto que você tinha que explicar da necessidade? Como você fazia pra vender?

R - Porque na verdade nossa venda era pro comerciante, né. Nós vendíamos no atacado pro comerciante, então o comerciante ele já sabia, a gente explicava alguma coisa pro comerciante, e o filtro acompanhava um manual e tal, mas assim.. Era um material simples. Mas o comerciante em geral sabia esse funcionamento como era e eles gostavam de vender, porque depois de vender o filtro, ele vai ter que vender vela a cada seis meses pro mesmo freguês. Então assim, era muito vendável mesmo. E a gente distribuía pra todo tipo de lojas envolvendo supermercados, lojas de material de construção, lojas de presentes e utilidades domésticas, até as chamadas aviculturas, que hoje é Pet Shop. E eu me lembro de ter muitos clientes, que depois com o tempo eu passei a ter toda a clientela da Zona Norte além da Zona Leste pra mim, então eu ia desde Mogi das Cruzes até Vila Formosa, Vila Carrão, eu ia até Osasco, até Pirituba, Vila Nossa Senhora dos Remédios, fazendo essa clientela, nessa época, nos anos 80, 90, cheguei a atender seis lojas do Carrefour grandes, loja Bergamini, eu passei a cuidar da conta da... Madeirense, que tinha duas lojas, depois passou a ter quatro, aí quando inaugurou o Shopping Center Norte em 85, ele abriu uma loja Madeirense no Shopping Norte e vendia muito. E a Madeirense começou a crescer e foi adquirida pelo dono do Banco Safra e eu continuei atendendo ela até o final... Até o ano 2000, quando eles tinham 15, 17 lojas, por aí. E dava um pedido a cada três semanas, a cada dois meses eram três pedidos, então eu vendia bem mesmo.

P/1 - Nessa época era a Madeirense ou já era e C&C?

R - Não, já era a C&C, quando o Safra adquiriu ela passou a ser C&C.

P/1 - Aqui dos seus clientes da Zona Norte, o senhor já mencionou os grandes, como é o seu conhecimento aqui da região, já que o senhor teve bastante trabalho aí na região?

R - Olha, poderia listar sei lá, dezenas de clientes, porque assim a gente fazia grandes e pequenos, fazia desde a loja do Seu Domingos de avicultura lá na Vila Maria, a loja do Joliten, e aí vinha andando por aqui pela Vila Guilherme, Santana, Santa Teresinha, Imirim, Casa Verde e tudo... eu poderia citar inúmeras e inúmeras lojas, lojinhas, por exemplo lá na... Vamos dizer, lá na Cantareira, lá em cima no Tucuruvi, Tremembé, tem a loja da dona Antônia, que já foi funcionária da Salus, que nem existe mais, fechou. Mas ela... A dona Antônia ela chegou a ser gerente da loja Salus na Rua Augusta e depois no Shopping Center Iguatemi, que chegou a ter duas lojas da Salus, que era cuidada pela esposa do senhor José Maria Nogueira, filho do Antônio Nogueira, eu acho que era ela sim. E ela foi gerente e depois abriu a própria lojinha dela lá perto da Estação do Tucuruvi, do Metrô, e ali pra cima na... Como que chama ali? A Rua Avenida Mamud Rahd, ali perto tem a loja do Molão, que fechou, mas era também tradicional lá, que a gente vendia.

P/2 - Já tinha o filtro, teve esse "boom" porque a água era encanada ou era de poço, como era? Você lembra dessa história aí? Como que era?

R - Não, na verdade... A história era a seguinte, o filtro com a vela, vamos dizer, quando ela chegou a um desenvolvimento do que a vela é hoje... não, o refil de vela de filtro é hoje, foi por volta de 1920, vinte e pouco. Então lá em 1925, 1927, por ali, tinha uma fábrica em Jaboticabal que ela tinha estabelecido um modelo de vela compacta que ficava dentro da talha na parte de cima e ia pra parte de baixo e a água filtrada, ela passou a ser a mais prática, então todas as casas começaram a ter isso e aqui na capital você teria quase que importar do interior, né, um transporte desde Jaboticabal, que acho é 600km daqui, então era complicado, porque a maioria das fábricas de filtros estão em Jaboticabal, a Salus então começou a fabricar filtros em 1935 e passou a vender muito porque, se você não tem como filtrar a água, você tava arriscando porque realmente era um problema, mesmo a água encanada entregue em casa, ainda era problemática, então o filtro resolvia isso, não existia água engarrafada como hoje, o pouco engarrafamento de água era pra vender no bar, não existia pra vender em casa, em supermercado, nada disso.

P/1 - O senhor lembra em que época que expandiu a rede de água aqui na capital?

[Vídeo - 1] R - Eu não sei, eu sei que em 1950 onde eu morava era água de poço (risos). Eu sei que eu tirei água de poço lá em Santa Teresinha, embora lá no Pari era água encanada, mas aqui em Santana, na Zona Norte, em algumas partes mais altas, ainda existia alguma água de poço,

então... Seja água de poço ou encanada, tinha que ser filtrada do mesmo jeito, de alguma maneira. As pessoas do interior filtravam num paninho, com pano, de qualquer jeito, deixavam decantar, pra pegar em cima e tal, mas era um certo risco, né, e... Tanto que já teve até epidemia de cólera na década de 80, que fez vender muito filtro, por causa de epidemia de cólera. Então a água realmente tinha de ser tratada. Eu me lembro até que em livros como aqueles famosos livros do bebê, aquele grosso lá, sobre cuidar de criança e tal, falava pra servir água que tivesse sido colocada na muringa Salus com nitrato de prata, tá escrito no livro assim. Então mesmo que não tivesse fê na muringa, tinha nitrato de prata, que é esterilizante. O ideal seria com vela e nitrato de prata, como os filtros eram.

P/1 - Aqui em São Paulo, abriu quando a Salus? Você lembra?

R - Em 1935. Apesar que a empresa dos Nogueira já existia antes, porque ele tinha... Parece que ele tinha porto de areia no Tietê, já fazia alguma coisa de argila, né. Chegou a ter porto de areia lá em Guarulhos, a família também teve parece que uma empresa metalúrgica, Primesa, mas assim, os filtros vêm desde 1935. A partir de 1950 na verdade que deu um "boom" nos filtros.

P/2 - Mas aqui na região? A fábrica era aqui na região norte?

R - Que eu me lembre, a fábrica desde 1935 está lá na rua Francisco Duarte, era ali.

P/2 - Qual bairro?

R - Vila Guilherme, que hoje é a Rua Henrique Felipe da Costa. Que eu me lembre desde 35 estava ali, mesmo tendo outros empreendimentos na família, mas a fábrica parte de... Era muito grande, chegou a ter acho que uns 150, 200 funcionários, eles tinham todo o equipamento pra fabricação de velas e tal, e eu me lembro que na década de 50, quando a Melita, que é uma empresa alemã que queria vender os seus filtros de papel aqui no Brasil, ela contratou a Salus pra fazer um equipamento pra colocar o filtro de papel, não era de plástico, era feito de louça, louça vitrificada, aquela... tipo louça mesmo. E era a Salus que fazia. Isso na década de 50.

P/1 - Na Vila Guilherme, o que era fabricado era a vela ou era o filtro inteiro?

R - O filtro inteiro Porque assim, o terreno era muito grande, tinha muito espaço e durante um tempo, o que eu sei, pela história, é que [4] tinha muita argila nos rios aqui em São Paulo, mas depois a pavimentação foi ocupando tudo, até os portos de areia que tinha foram todos ocupados por Marginais, e areia pra construção. Então a argila tinha que vir de fora, então já nos anos 60 tinham que vir caminhões de argila da região de Rio Claro ou Jaboticabal, que tem muita argila específica pra fazer filtros, então chegava ali no pátio da fábrica tinha uma montanha de argila. Ficava ali uns dois anos até ser reposto.

P/1 - Então a fábrica de filtros Salus ainda fabrica aqui na Vila Guilherme?

R - Não, não fabrica mais. Porque, na verdade, o que foi acontecendo com... Esse negócio de globalização tem a ver né, porque com o tempo os encargos foram ficando cada vez mais pesados pras empresas, manter uma indústria com funcionários e tudo aquilo ficava pesado demais. Então já nos anos 90, final dos anos 90, a Salus adquiriu mediante cooperativa, uma empresa fabricante de filtros em Jaboticabal, se eu não me engano era a Zeola, que era famosa também, então fazia os seus filtros lá, depois, posteriormente, as velas começaram a ser feitas lá. E a Salus aqui começou a ficar muito cara a coisa, pra funcionar aqui. Então realmente ela teve que fechar em 2001, no final do ano 2001, eu trabalhava lá ainda, mas como representante comercial, já não era mais funcionário, tinha me aposentado, então o vínculo era como representante comercial. Então ela fechou aqui e continuou aquela fábrica em Jaboticabal, que funcionava no regime de cooperativa.

P/1 - E até hoje a gente consegue achar o filtro Salus pra comprar?

R - Sim, encontra. Essa fábrica em Jaboticabal continua funcionando, com o fechamento da Salus, que foi decretada falência e tal lá nos anos 2000, dois mil e tanto, não se podia comercializar a marca Salus, mas se comercializava a marca Cristal que já existia em Jaboticabal. Depois de cerca de um ou dois anos, por volta de 2003 e tal recuperou-se a marca Salus, os dois irmãos que cuidavam da fábrica da Filtro Cristal recuperaram a marca Salus, recuperaram os moldes que fazem a parte de cima em acrílico e continuaram fazendo filtro Salus.

P/2 - Você disse que tinha muitos funcionários, você consegue contar pra gente a importância da Salus pra região, em relação à presença dela, tudo que envolvia, você conseguia identificar isso, perceber?

R - Ah, sim. Na época que eu entrei na Salus, o que acontecia, em 1980, 90... Tinha muito funcionário antigo, funcionários simples, era peão de fábrica, que eram os chamados oleiros. O filtro tem que ser feito à mão, não adianta, não sai de máquina, no máximo você pode modelar mais ou menos numa máquina, mas ele tem que continuar na olaria. Então assim, a gente conhecia diversos desses antigos funcionários que faziam os filtros, davam acabamento nos filtros, nas muringas e tudo, e eles... Todos morando ali em volta, na Vila Guilherme, na avenida Joaquina Ramalho, eu me lembro de alguns deles, o Nelson e outros. Eram pessoas simples, mas eram bem quistos porque eram conhecedores do negócio, estavam lá a anos, dezenas de anos, eu estava na Salus a vamos dizer, cinco anos, dez anos, vinte anos, mas eles estavam a trinta, quarenta. E se não tivesse eles pra fazer não tinha mais quem fizesse, porque precisava de uma escola pra fazer aquilo. Chegava uma hora por exemplo que era um problema, não tinha quem fizesse muringa, porque só aquele senhor velhinho que sabe fazer muringa, então quando houve essa mudança pra Jaboticabal, quando foi adquirida está fábrica em Jaboticabal, pra trabalhar meio terceirizada e tal, tinha muito que ver também que essa mão de obra habilitada que praticamente tava rareando, diminuindo aqui e que lá em Jaboticabal ainda tem alguma, e não tem muita não, o pessoal já tá preocupado porque não sabem quando é que vai parar de fazer muringa, que ninguém mais sabe fazer muringa.

P/2 - Não existe ainda equipamento que faça?

R - Não tem equipamento, é tudo na mão, tirado na mão.

P/2 - E o filtro também?

R - É, o filtro também. O filtro de barro ele é tirado na mão mesmo. Existe uma forma em que você coloca o filtro de barro e que você tem que dar uma espremida nele, pra ele ficar um pouco mais seco, pra acelerar o acabamento dele, senão ele fica úmido indefinidamente. Então quando ele chega numa certa... Forma mais fácil de manusear, aí ele vai pra mão do oleiro pra ele dar o acabamento final, fazer a furação, os contornos e tal, e aí termina, porque na realidade, o filtro de barro, desde a hora em que você pega o barro lá na montanha de argila e começa a misturar na maromba e tal, até ele ter uma consistência pra você manusear ele, a argila, leva 40 dias, incluindo uma época de secagem e tal. E é interessante esse negócio da argila, porque muitas escolas iam lá na Salus comprar argila pra trabalhos escolares, tijolos de argila, assim, mole, pra trabalhar, porque é como ela tem que começar a ser trabalhada.

P/2 - Até hoje o filtro... Você disse que em cima é acrílico, embaixo até hoje é barro?

R - Sim, embaixo até hoje é barro, e temos também a linha de barro, barro em cima e barro embaixo, que muita gente prefere ou é mais popular e mais barata. E continua sendo, o acrílico ainda é uma exceção.

P/2 - Só pra concluir esse registro, por que é tão importante continuar sendo de barro?

R - Ah, bom, aí tem muita coisa (risos).

P/2 - Fala um pouco pra gente.

R - Por exemplo, o filtro acrílico. Por que ele é acrílico em cima, mas embaixo também não é?

P/2 - Por quê?

R - Porque você não precisa ter barro em cima na realidade, ele é só um reservatório pra água que ainda vai passar na vela. Pra água se conservar, ela precisa realmente estar num pote de barro. Os índios usavam potes de barro, na Europa usava potes de barro até 100, 200 anos atrás, no mundo inteiro usa, no Extremo Oriente e tal, por quê, porque ele é conservador por excelência. Porque o pote de barro é todo furado, tem poros, e quando se coloca um líquido lá, vinho, que nem tinha lá do Oriente, o barro ele tem a função de suar, como o corpo humano, então pelos poros saem moléculas de ar quente, que fazem com que as moléculas dentro fiquem frias, então o barro faz com que, suando por fora, as moléculas quentes saiam na forma de água, gotejamento, e dentro ficam só as frias. Ao ter esse efeito de suar, as moléculas frias começam a se movimentar lá dentro, então a água não fica parada, as moléculas quentes saem e a água não apodrece. Como também o vinho não apodrece, por isso se conserva vinhos ali. E pelo que sei, por exemplo, na Cidade de Pompeia, quando estourou o vulcão Vesúvio na Itália, eles encontraram neste século potes de barro com mel que ainda se podia comer, porque estavam dentro do pote de barro. Outro fator do pote de barro é que você pode pulverizar o nitrato de prata na parte de barro, que, além da filtração, o contato das moléculas vai matando os germes, vírus, vibriões etc, micróbios em geral. Então, por exemplo, é provado realmente que o nitrato de prata... Qualquer micróbio, bicho que estiver lá dentro, do nitrato de prata, em meia hora ele morre. Mas não faz mal pra saúde.

P/2 - A gente pode dizer que a Salus foi pioneira nisso?

R - É, a Salus é pioneira no nitrato de prata. É por causa da associação com o Dr. Robert Rotinger, lá da USP, dos anos 40 lá ainda, naquela época. Que ele sendo amigo do senhor Nogueira, ele falava pra ele dos benefícios do nitrato de prata, que era utilizado pra cauterizar feridas, aftas etc., era um remédio antigo, como o bicarbonato de sódio era um remédio do império. Então o nitrato de prata era um cauterizador, ele é bactericida, ele é esterilizante. E ele bolou esse método de misturar o nitrato na água e pulverizar e deixar na parede da peça de argila.

P/1 - Sua ligação com a Salus permaneceu até quando?

R - Até hoje (risos).

P/1 - Fala um pouquinho disso então.

R - Porque embora eu tenha me aposentado em 97, e me tornado representante comercial e depois a Salus fechou lá em 2001, final de 2001... Praticamente a Salus fechou um pouquinho depois de cair o World Trade Center, pra citar uma coisa associada, mas a... Depois de uns dois anos, a própria filtros Cristal, tocada pelos irmãos Bessa, que tinham trabalhado com a Salus, adquiriu o direito de utilizar a marca e os moldes, eles continuaram fazendo a Salus, aí nessa época, eu que já tava trabalhando com outras coisas, com cimento, argamassa e tal, fui contratado e a gente começou a trabalhar, porque eu conhecia o contato com os clientes e tudo, né, então tô trabalhando com eles novamente desde 2003, até hoje.

P/2 - Voltando quando o senhor fazia toda a região norte, além das outras vizinhas, tinha assim lugares que você visitava, comerciantes bem marcantes que você podia contar um pouco? Visitas que você fazia.

R - Posso... Mas eu posso realmente me abrir pouco nisso né, porque quando você trabalha... Sei lá, fechado o lugar e tal, o ambiente pode até

ficar um pouco viciado, as amizades ficam viciadas. [7] E quando você trabalha na rua, visitando clientes, a coisa é muito mais arejada, o contato é arejado. A cada meia hora você tá falando com uma pessoa diferente, com pessoas diferentes, com fregueses dessas pessoas também, que estão lá no balcão, que estão do lado, você entra pra fazer um supermercado, você tem que falar com o repositor, com o estoquista, com o vendedor, com o gerente, é muito arejado, então você conversa com milhares de pessoas diferentes, certo? Não é um ambiente viciado. E mesmo que sejam clientes que estejam sempre ali naquela lojinha e tal, geralmente quando o representante chega, o lojista gosta, porque não se veem há um mês, sei lá "Oh, você aqui. Pô, demorou e tal", e começa... A gente conversa de muitas coisas aleatórias, não precisa ficar só especificamente dizendo "compra isso, compra isso, compra isso", não tem isso. A melhor maneira que você tem de vender alguma coisa, é não vender, é não falar dela, é falar de outras coisas. É ganhar a pessoa no papo, na conversa. Por exemplo, eu tenho um cliente que quando eu chego lá fala "Olha, faz um favor, pega o violão aí e começa a cantar aquela música do Eric Clapton que você gosta de cantar" (risos). Então eu fiz muitas amizades legais mesmo com os clientes, é difícil eu encontrar um cliente chato, porque primeiro, ele tem que estar conversando com o público todo dia, ele tem que ter uma cabeça meio aberta, ele não é uma pessoa viciada que você encontra no escritório, estando naquele ambiente fechado. Geralmente ele tem que ser muito aberto pra falar. Então assim, é legal, é realmente bom, eu me diverti muito trabalhando na rua.

P/1 – Hum.. você tocava violão. Depois o senhor vai cantar pra gente (risos). E outros? Conta outros assim, tipo esse que você chegava "Ah, vem cá tocar uma música", e outros assim? Inesquecíveis.

R - Ah, não, tem gente que você vai visitar, que ele quer que você almoce com ele, que tem que ir no bar tomar um café, que tem que conversar das novidades, que pergunta das novidades e tal. Assim.. Como me perguntaram na empresa, até pra treinar outros, falaram: "Olha, fala pra eles como você faz pra vender! O que você fala do produto?" e o pessoal tudo, aquele treinamento pra falar do produto e não sei o que, eu falei: "É mesmo, é? A coisa que eu menos falo é sobre o produto". [5] Tá certo que o produto é conhecido, é bom, eles já conhecem, eles estão "carecas" de saber do produto como que é bom. Às vezes você precisa explicar, mas na maioria das vezes você não precisa ficar batendo no produto, é conversando com a pessoa, ela quer saber que aquilo venda bem, que ela tenha lucro, que ela não tenha problemas, que ela consiga... Sabe? Continuar trabalhando legal. E que você facilite aquilo pra eles. Então você tem que saber que conversar com o cliente não é ficar jogando produto na cabeça dele, não é assim, ele é outra pessoa que quer bater papo. Ou às vezes quer uma ajuda na loja, às vezes... [6] Então quem tá vendendo tem que ter assim muito espírito de presença pra saber que não é pressionar a pessoa com o produto, é viver com ela aquele dia, aquele momento, àquela hora.

P/1 - Da Salus, o que tem hoje aqui? Tem alguma coisa na capital?

R - Na verdade, a gente tem um escritório, um depósito e a distribuição, o produto vem do interior, vem da unidade de fabricação que estava no interior, e aqui tem um depósito pequeno que faz a distribuição.

P/1 - E o senhor é vinculado a esse escritório ou o senhor é autônomo?

R - Não, na verdade, eu sou totalmente autônomo, né. Eu sou... Na verdade eu estou trabalhando de esporte, porque eu não era nem pra estar trabalhando, eu faço aniversário daqui a dois dias, né. Então... (risos)

P/1 - Desse tanto de anos vividos, quantos ligados à Salus?

R - Desde 1980, então como nós estamos em..

P/1 - 2019.

R - 2019 é quase 40 anos, né?

P/1 - Então ano que vem o senhor faz 40 anos, então?

[8] R - É, ano que vem é 40 anos. 7 de janeiro do ano que vem são 40 anos de Salus. Eu faço 70 daqui a dois dias.

P/2 - O senhor falou do jeito que é feita a venda, como é a relação com os clientes. Tem lojas aqui da região que eram bem características que o senhor lembra bem? Assim, de qualquer bairro daqui da região norte.

P/1 - Posso complementar? O senhor falou de grandes locais que vendem múltiplos produtos, entre eles o filtro, coisas específicas só de filtros tem aqui na região?

R - Na verdade tinha uma, né, que era a loja da dona Antônia, lá na Rua dos Ferroviários, que foi funcionária da Salus na loja lá do Iguatemi, e ela vendia filtros Salus e um pouquinho as vezes outros de outras marcas, e eu visitei ela durante um ótimo tempo, bastante tempo, mas ela já tá... Eu nem sei se já faleceu, a loja acho que fechou. E o que acontece, ela era específica de filtros. É difícil você achar loja só de filtro, tinha na Vila Maria uma, mas não conseguiu viver somente de filtros. Existe Paraíso dos Filtros, lá no Paraíso, que eu atendi durante um tempo, não atendo mais, não sei se ainda existe, mas geralmente eles costumam ter outras coisas, outras utilidades, então é necessário você ter uma diversificação. E assim, indiferente o modo como a loja trabalha, se é material de construção, supermercado, utilidade doméstica, o filtro tá no meio de qualquer um desses itens, então de repente você pode estar trabalhando numa loja que vende... Eu tenho um cliente até que tem uma loja de sapato e também tem uma loja de utilidades domésticas (risos), então ele vai vender filtro, dentre outras coisas.

P/1 - É um bem necessário que se coloca... Tem mercado em muitos lugares, é isso?

R - Isso, isso. O que aconteceu é, entrou nos últimos anos, talvez lá desde os anos 90, 2000, o tal do garrafão de água mineral, mas... O pessoal achou que era melhor, achava que o filtro era muito artesanal e tal, mas o que acontece é que esse garrafão, ainda lá no começo do ano 2000, uma pesquisa feita pela Bandeirantes, parece que chegou à conclusão de que em cada 10 marcas de garrafões, 8 não eram confiáveis, eram "chutes". Quer dizer, a pessoa pegava, enchia o garrafão na torneira e vendia e tudo bem, era pior do que você tomar água da torneira então, porque você tá parando com uma água que já tava poluída, então realmente tem disso no país, então é melhor você ter um filtro se vai beber da torneira. Agora, ou se você quer uma água engarrafada, mas você precisa comprar, pagar, transportar, ter cuidados.

P/2 - E aquele filtro que é mais de parede? Purificadores? Comprometeu? Como fica essa história?

R - Não, na verdade, a Salus também vendeu filtro de parede durante muito tempo. A Salus tinha filtro de parede, filtro de ferro fundido, de metal, de plástico, fazia parte da nossa linha. Tinha filtro de barro, filtro de acrílico, filtro de parede, velas pra todos os tipos de filtro, tinha filtro industrial, que era de pressão, como se fosse um filtro de parede enorme, que eram usados por fábricas de refrigerantes e tal, que a gente vendia. Então eles também têm a sua função, só não é de decantação, pela gravidade, como filtro de barro e de acrílico. O de parede é feito sob pressão, o que acontece é que aquele negócio do filtro de pressão, ele diminui um pouco a segurança, mas não deixa de ser bom também e a Salus vendia.

P/2 - E por que diminui a qualidade?

R - É porque a água passa com pressão, passa com mais força, então a ideia é que a vela de decantação ela segura mais, não permite a passagem sobre pressão de eventuais impurezas.

P/1 - A gente podia mandar (mudar) um pouquinho, lembrar lá da origem da sua família, que migraram né de outras terras para cá, o senhor lembra um pouquinho disso, tem alguma memória dos seus antepassados?

R - Olha eu tenho (risos) mais assim da parte da minha mãe né, que... A família dela é de polacos né, que me migraram para cá os pais dela... Os pais dela eram polacos, os meus avós. E eles foram morar lá em Araçatuba, no interior, e outros parentes dos pais da minha mãe. Então eles foram morar lá e fizeram sua vida lá e muitos parentes também né, e eu me lembro de conhecer o meu avô, a minha avó não, acho que já tinha morrido, mas o meu avô eu conhecia, ele morreu quando eu devia ter um uns dois ou três anos, mas eu cheguei a conhecer ele, eu me lembro dele.

P/1 - Tem algum comentário sobre a viagem deles de lá para cá? Algum detalhe o senhor saiba?

R - Da Polônia?

P/1 - É.

R - Não, eu acho que eles vieram ainda antes da Primeira Guerra Mundial, porque a minha mãe era uma das mais novas de 14 irmãos, nasceu em... 27? Então, teve outros filhos que nasceram ainda nos 1910, então eles vieram antes da Primeira Guerra Mundial. Não foi fugido de guerra, nada, foi antes da Primeira Guerra Mundial, então não foi dramática, eles foram direto para o interior. Os meus avós... O meu avô chegou até um sítio em Araçatuba, montou uma olaria, fazia telhas, essas coisas, como muita gente fez na época né. Era normal.

P/1 - Então essa história de argila tem bastante vínculo aí com a sua história?

R - (risos) É, o chão né? Não por isso né, mas de qualquer maneira é mais comum do que se pensa.

P/2 - Já que a Cida falou desde a origem e tal, e você disse que tinha essa característica ne, tanto é que o senhor aprendeu a ler desde cedo, aí essa característica sua durante a sua vida profissional, teve alguma situação que é importante registrar assim ou?

R - Eu não sei se ajudou ou atrapalhou né, mas pode ter ajudado por um lado e atrapalhado por outro.

P/2 - Em que sentido?

R - Ah eu não sei, eu tinha facilidade na escola, com tudo, então...

P/2 - E depois profissionalmente, quando você nessa tua opção como vendedor, que foi bastante importante?

R - Ah, acho que sim. Acho que ajudou.

P/2 - Em que sentido que o senhor acha?

R - Eu não quero dizer que ajudou muito não, porque eu já vi colegas que tinham pouca escolaridade, por exemplo, muito bons de vendas e bons de papo. Quer dizer... Mas não é só questão de ser bom de papo, tem que ser um pouquinho focado também né, porque só esse papo dispersivo, não, pode acabar perdendo o foco mesmo. Então precisa ter um pouco de foco, mas... Eu sempre tive facilidade com a amizade, nunca tive problema não.

P/1 - O senhor contou que fez o técnico em Contabilidade e o senhor fez mais alguma outra escola?

R - Então eu fiz o técnico de contabilidade e trabalhava em contabilidade na época na CESP, Centrais Elétricas de São Paulo, e aí eu achei que não queria estudar essa parte contábil, administração e eu comecei a pegar e a ficar meio... né, falei agora para voltar fazer científica engenharia é complicado, também não... Tava meio perdido. Mas enfim, fui trabalhar na área de vendas e acho que mais tinha que ver com meu temperamento e tal, era vendas mesmo, não gostava muito de ficar fechado num lugar assim, circunscrito, só conversando sempre com a mesma pessoa, não, eu era mais expansivo. Então fui trabalhar na área de vendas e não senti necessidade. Aí já depois de velho, vamos dizer com mais idade né, é que eu falei assim "Eu tô com vontade de fazer um curso que me agrada", aí fui fazer letras. Aí com 55 anos, por aí, eu fui cursar letras na UNIP né, Universidade Paulista. Entrei no curso de letras, durava... Durou três anos, inglês e português, mas estudei muito mais de matéria do que só isso, e dentro do curso a professora de inglês ela achou que eu devia dar umas aulas de monitoria então me colocou no curso de monitoria, mesmo depois de ter saído da faculdade ainda tava dando aulas de monitoria de literatura inglesa. Fiquei ainda um ano fazendo isso depois, então fiquei enfiado na faculdade mais quatro anos.

P/2 - Oito ao todo?

R - Não, não! Quatro no total. Três mais um. Além do que já tava cursando, mais um ano.

P/2 - De literatura o senhor disse que gostou sempre muito de ler.

R - É, eu acho que tava dentro, realmente tava no meu... Na minha rota isso aí mesmo.

P/2 - Tem alguma história aí com algum livro ou com alguns livros que você pode contar pra gente? A relação sua com alguns livros?

R - Eu gostava muito de gibi né (risos).

P/2 - Então, eu lembrei das filhas.

R - Aí depois comecei a ler livros.

P/2 - Mas então conta dos gibis.

R - Não, dos gibis e dos livros, eu tenho livros também que eu gostei de ler, isso aí...

P/2 - O senhor lê gibi até hoje?

R - Minha mãe me criticava, chegava na minha casa e falava: "Mas pra que tantos livros, você lê tudo isso, você não lê não" e eu "Eu leio, eu li". Então assim, eu me lembro de livros que li ultimamente, nossa, tantos né? Eu gostei muito do... O apanhador no campo de centeio, O Grande Gatsby, em inglês, que a gente leu e fez trabalho, Ulisses eu tentei ler, mas é tão grande que eu fiquei enjoado... E vários outros né? O Grande Gatsby gostei muito mesmo, de ler o livro, não só o filme, o livro mesmo foi legal, bacana. Inclusive fiz trabalho escolar sobre ele né, sobre... Nossa, são tantos que até me foge.

P/2 - E na época de gibi, o que o senhor lia?

R - Nossa, Tarzan, Batman, Super-homem, Pato Donald, todos os Pato Donalds, todos os Donalds (risos, Cavaleiro Negro... Tarzan gostava muito.

P/2 - Até que idade você curti gibi?

R - Ah, acho que até 11 anos, 10 anos.

P/2 - Depois você parou, não lê mais quadrinhos?

R - Não, eu parei com gibi e fui pro jornal. Aí eu lia jornal. Você imagina um moleque de 12, 13 anos comprando um jornal para ler? É uma coisa meio imbecil (risos). Mas se eu comprava jornal, eu precisava ler, era maluco.

P/1 - O senhor contou para a gente aqui um pouco como conhecer (conheceu) sua esposa né? O senhor lembra do seu casamento, do dia do seu casamento, como foi?

R - Não me comprometa, hein? (risos) Casei no dia 30 de janeiro no civil, 31 de janeiro... 30 de Janeiro.

P/1 - De que ano?

R - 1900... Ah, não faz pergunta difícil.

P/1 - Há quantos o senhor está casado?

R - Ah, eu to casado desde os 26... Então foi 1960... 1976. 30 de janeiro de 1976.

P/1 - Maravilha.

P/2 - Como foi o dia do casamento? Teve festa?

R - Nossa, uma loucura. Fizemos uma festinha e tal, legal. Uma loucura né, porque também tinha que viajar logo no dia seguinte e um horror, essa correria. Muita correria, muito preparativo. É muito trabalho, vamos falar a verdade. A gente mais trabalha do que curte. Só foi curtir depois quando tava longe de todo mundo (risos). Aí sim, viajou, beleza

P/2 - É uma empreitada.

R - É.

P/1 - E aí foi muita gente no casamento?

R - Foi assim uns... 400.

P/1 - Então deu trabalho né?

R - É, o carinha lá contou 450 (risos).

P/1 - Quem foi no casamento?

R - Nossa, muita família, muito amigo, muito conhecido. Minha mulher tinha muita gente, a família dela também era muito grande, amigos, conhecidos, muita gente. Colegas de trabalho né.

P/1 - Qual o nome da sua esposa?

R - Gláucia.

P/1 - Gláucia. O senhor teve foram duas filhas, dois filhos?

R - É, na verdade foram três filhas, a primeira faleceu com uns dias e depois tive mais duas, que estão casadas hoje as duas.

P/1 - Como elas se chamam?

R - Duplo V, Vanessa e Virgínia.

P/1 - Como que foi ser pai?

R - É um baque, hein? É uma coisa esquisita viu. Eu não sei se só eu, mas quando nasceu me senti esquisito sabe? Parecia um.. Legal e tal né, mas assim a gente parece que não tá preparado para isso. A primeira faleceu, deu problema em dias e tal, isso foi meio chato mesmo, foi muito problemático, mas um ano e meio depois já nasceu a segunda, depois a terceira, um ano e meio e um ano e meio.

P/1 - Você brincava com elas?

R - Muito. É, acho que eu sou meio coruja assim, bem coruja mesmo. Eu me dou bem.

P/2 - Passou o susto de ser pai, daí...

R - Não, é, realmente, é um susto né o primeiro, mas assim é na hora também só. Aí depois é curtidão, curtidão, ensinar elas a andar de bicicleta logo cedo, tudo isso. Levava no clube, porque também fui sócio do clube Tietê durante uns 20 ou 30 anos, eu acho, eu era sócio do clube Tietê, olha Zona Norte aí. E então a gente ia para o clube sempre, inclusive uma época elas... Acho que talvez durante três anos elas estudaram dentro da escolinha Tietê. Então levava todo dia na escolinha Tietê e ia buscar.

P/1 - E elas seguiram alguma profissão, seguiram alguma formação?

R - Então, a mais velha, que tá com 37, 38 anos, por aí, ela fez administração de empresas no Anhembi Morumbi, foi até o final da graduação de administração, fez algumas pós-graduações, se casou com engenheiro e os dois vivem muito bem, estão bem. Viajam, gostam de viajar bastante, ir pro exterior e tal, viajaram bastante, a segunda também viajou bastante, ela estudou... Esses cursos de dois anos, graduação de dois anos, na parte administrativa e hoje ela é ilustradora de livros, ela faz ilustrações, tá bom.

P/1 - Como era ali? Existe o clube Tietê até hoje, como era lá?

R - Não, hoje não é mais, é Faculdade Zumbi se eu não me engano, não é? Não é isso? Inclusive o reitor da faculdade é meu vizinho de prédio, mora no mesmo bloco que eu (risos). E... O que eu posso dizer? O Tietê eu não me lembro desde sou sócio, mas... Acho que foi assim, logo que eu casei, em 76, talvez 77, 78, já comprei um título, já entrei, eu e minha esposa, porque a minha esposa tinha sido sócia do Esperia, ela e a família dela, os primos dela eram sócios do Esperia. Aí ficamos sócios do Tietê, a gente frequentava o Tietê, muita gente da família também ficou sócio, e a gente ia em shows e tal. E depois quando as minhas filhas nasceram, uns anos depois, continuaram frequentando o clube até estudarem, na idade escolar.

P/2 - Pra região o senhor consegue dizer o que representava assim o Tietê, esse clube?

P/1 - E o Esperia.

R - Era muito bom, viu? Era muito bom ser sócio do Tietê. Eu até fui sócio do Corinthians (risos). Não é, porque eu fui morar no Tatuapé, no Parque São Jorge, e ali eu entrei de sócio no Corinthians embora seja palmeirense né. Entrei de sócio no Corinthians mais para aproveitar um pouquinho, mas acabei largando e voltando para o Tietê. E o que acontece, mesmo morando no Tatuapé um pouco a gente ia no Tietê e tal, pegava o carro e ia no Tietê porque assim tinha muitos amigos lá, muitos parentes também, então ela (era) ponto de encontro mesmo, a gente fazia alguns cursos às vezes e as minhas filhas estudaram lá, mais ou menos uns três anos pelo menos né, fizeram a parte do que seria o primário.

P/1 - Nessa época não tinham as regatas ali né, entre o Tietê e o Esperia.

R - Não, não tinha mais por causa da poluição né. Eu me lembro das regatas dos anos 50, 60, talvez um pouco. Acho que depois de 65 passou a não ter mais.

P/1 - E o Tietê sempre na sua vida né, seja aqui no Tietê, Esperia ou no Corinthians né? Sempre o Tietê ligando.

R - É, na verdade no Tietê é... É o seguinte, né, porque o Tietê, o Clube Tietê, parece que tinha um contrato de 100 anos que venceu por volta do ano 2000, 2000 e tanto, alguma coisa. Então ele tinha que diminuir. Eu me lembro que nas últimas vezes que eu ia no Tietê ainda, que eu era sócio, tinha 600 associados só. Então não tinha mais o que fazer.

P/1 - É, ali hoje é uma área pública da prefeitura.

R - É, hoje já virou faculdade.

P/2 - E chegou a ter quantos sócios, você pode dizer?

R - Ah, era muito grande, viu? Porque eu entrava lá, por exemplo, quadra de tênis devia ter quase umas 10. Era enorme, era ali que a Maria Esther Bueno ia, a tenista que foi campeã...

P/1 - E treinava lá.

R - Treinava lá, ela era sócia do Tietê, morava em frente, na avenida Tiradentes ali a casa dela era em frente.

P/1 - Frequentou muitos bailes (bales) lá, senhor Wilson?

R - Bailes? Acho que um ou dois só. Naquele tempo já tava casado, eu dançava em casa. Mas assim... Porque eu fiquei sócio do Tietê quando nós nos casamos, mas aí como tinha as filhas pequenas e então a gente só ia atrás realmente a procura de diversão dos filhos e tal, essas coisas né, piscina.

P/1 - Senhor Wilson, quais são as coisas mais importantes hoje em dia pro senhor?

R - Minhas filhas. Sem dúvida.

P/1 - Vê com constância?

R - Sim. Já foram em casa domingo, almoçaram lá, jantaram lá. Sempre, toda semana.

P/2 - Tem netos já?

R - Não, eu disse que não quero (risos). E nem elas querem, na verdade elas estão assim com já 30 e tantos anos, mas elas parecem jovens, bem jovial, bem assim, cara nova mesmo. Mas elas não querem, elas querem viajar, curtir, eu falava para elas: "Olha, sabe que vocês vão fazer? Vocês vão se casar, viagem, viagem, viagem pra fora" e tal. Não arruma filho agora que vocês vão ter problemas, então vamos viajar, vamos curtir a vida, vamos fazer um patrimôniozinho e tal. E elas parecem que fizeram isso.

P/1 - E a senhora sua esposa, tem esse gosto por viagem também?

R - A gente até tem, mas como a minha esposa continua trabalhando e eu, já que ela tá trabalhando, para não passar vergonha eu ainda continuo, então eu tô esperando ela se aposentar, mas aposentada ela já tá, mas não manda embora então a gente fica assim.

P/1 - Ela faz o que?

R - Ela trabalha no Sebrae, serviço de apoio às pequenas e médias empresas, lá na Vergueiro. Ela trabalha lá na área de controle, já tá aposentada faz uns cinco ou seis anos, mas tá lá né (risos).

P/1 - Então, mas assim o senhor tá aguardando ela se aposentar para viajar ou já fizeram boas viagens?

R - Não, a gente viaja, mas viagem de fim de semana e de pouquinho de férias aqui e ali é pouco né.

P/1 - E a sua preferência de lugares é o que?

R - Para viajar? Itália. Itália e Portugal. Foi a viagem que eu falei para minha filha fazer, ela fez e adorou né. Além de Estados Unidos e tal né. Então é Itália e Portugal e Espanha.

P/1 - E no Brasil, tem algum lugar?

R - Olha, do Brasil todo o litoral nordestino é ótimo, Nordeste, litoral norte de São Paulo, que a gente ia muito né, então assim eu gosto mais do litoral.

P/1 - O senhor podia contar quais são os seus sonhos?

R - Agora? (risos)

P/1 - Daqui pra frente? (risos)

P/2 - O principal.

R - Eu... Sei lá né, talvez ela se aposentar e a gente viajar mesmo, a gente ficar mais à vontade, se tá... Ainda trabalhamos muito, eu tenho medo que se parar de trabalhar a gente começa a ficar enferrujado né, porque eu ando muito ainda. Mas tendo tempo livre, beleza, é aproveitar.

P/1 - Da semana, cinco dias úteis, você dedica todos eles... Sai todos os dias para área de vendas?

R - Então, o que acontece, o meu maior trabalho, que eu tenho, é levar e trazer a minha mulher pro serviço porque ela dirigia o carro dela, ela ia e voltava, mas o trânsito tá tão ruim, infernal, que ela meio que tá um pouco com medo, então eu levo ela de manhã, volto, depois vou a tarde e volto com ela, e no meio do dia eu faço minhas visitas, não são muitas, antigamente já foi... Já foram mais, eu antigamente eu não trabalhava só Zona Norte, a Zona Leste vendendo Salus, chegou uma hora que começou a faltar representantes no interior e eu falava: "Pode dar para mim que eu vou", e aí eu comecei a pegar uma semana fazer o litoral sul, depois o litoral norte, depois eu ia até o Rio de Janeiro, eu fui até o interior de Minas trabalhando, durante uns três anos eu comecei também a fazer visitas, além das minhas aqui eu fazia visitas nos litorais e no interior de Minas, eu ia trabalhar até pertinho de Belo Horizonte, até a cidade de Tiradentes, que é uma cidade histórica, São João Del-Rei, onde abriu os primeiros clientes da Salus.

P/1 - Assim, atualmente nessa área de vendas, o senhor percorre aqui na Zona Norte alguns clientes ainda, em que bairros?

R - Ah, eu vou ainda até ali o Tucuruvi, o Tremembé, eu tenho clientes ali, eu tenho um cliente, por exemplo que é passava o trem ali, naquela rua estreita na Mamud Rahd, na Vila Maria. A gente não atende mais Carrefour aqui né, mas atendo alguns supermercados ainda.

P/2 - Se você puder dizer assim, você que há tanto tempo anda por aqui as principais mudanças assim que você observou.

R - Na Zona Norte?

P/2 - É, ou pra... As boas mudanças e as não boas.

R - Bom, eu posso dizer que a principal mudança é a Via Marginal nos campos de várzea eu brincava. Era um descampado né, tudo isso era descampado. Por exemplo, eu morava lá em Santa Terezinha, para você ir dali buscar água mineral em Lauzane Paulista era um descampado, tinha que atravessar o rio a pé e tal, hoje é uma avenida, que é tudo urbanizado. Eu me lembro que para ir em Guarulhos também era mato e hoje é tudo urbanizado, e eu atendi muitos clientes em Guarulhos também. Então assim é muito urbanização, é isso que eu percebi e assim, não só urbanização, além do urbanizado é tudo parado com tráfego né. Então a vida naquela época era muito boa mesmo, você sabe. Mesmo que você ia ter que pegar um ônibus aqui e ali, você ia de boa.

P/1 - Senhor Wilson, como foi para o senhor a contar sua história aqui hoje?

R - Ah, voltar no tempo né. Relembrar coisa bacana e... Só manter a memória viva né.

P/2 - Tem alguma coisa que o senhor acha bem importante registrar na sua história que a gente não perguntou? Que o senhor quer contar?

[pausa]

R - Eu acho que é muita história para pouco tempo né? É muita história mesmo, muita coisa, muito detalhe né, quando eu comecei a trabalhar na rua visitando o cliente, nossa, cada meia hora é um mundo de coisas que você enfrenta, que você vê, que você vai, que você volta. Eu perco as vezes, sei lá, centenas de vezes que eu ia, viajava para aqui, para lá, viajava para Mogi das Cruzes, para Guarulhos, voltava, ia para outro lado, e isso só para falar de trabalho né, sem contar que as vezes tinha que ir lá na Salus lá na Vila Guilherme, sair correndo às cinco horas para pegar minhas filhas no clube Tietê quando era pequenas e tal, e voltar e vir correndo para o Tatuapé onde eu morava, e hoje eu moro no Belenzinho. Assim... Eu sou um eu sou um cara do carro sabe? Se você for contar os carros que eu tive, quanto eu andei de quilometragem dá muita coisa né, é muita coisa mesmo, dava para ir a lua, voltar e talvez ir de novo, e viagens que eu fiz né, a trabalho, então assim, é muita andança né, eu não sei ainda como eu tô inteiro aqui, mas é muita andança mesmo, a cabeça fica a mil, muita memória né.

P/2 - Teve alguma dessas andanças que teve algum episódio?

R - Teve um episódio? Vários (risos).

P/2 - Conta um, a gente quer uma história.

R - Tipo bater o carro, rodar com o carro na estrada?

P/2 - Por exemplo (risos).

R - Quase ser preso?

P/2 - Por que quase ser preso?

R - Não, não vou dizer que fui preso por nada, mas eu só me lembro uma vez de tá fazendo votação aqui no Pari, no Canindé, fazendo votação com quatro... não, com três colegas em uma perua né tudo jovem, 18, 19, 20 anos, o que seria tempo da ditadura militar né, mais ou menos, lá na época de 69 por. Aí um monte de polícia parou a gente no meio da rua (risos). Parou "O que vocês estão fazendo, 4 marmanjos no carro", não sei o que, "Fui votar, fui votar, fui votar", e aí foi pegar o documento de motorista, ele não era brasileiro, era italiano, e vai explicar, ele tava só dando carona, mas tudo ficou de boa né. Mas assim, tem muita coisa né, por exemplo, de estar cansado pegando estrada, de dormir na estrada na Via Dutra voltando de vender, de trabalhar lá em Minas, dormir na Via Dutra na pista expressa e a Via Dutra era antiga ainda né, quando não tinha essa coisa bem feita, e despertar no cascalho do acostamento, no meio de um monte de caminhão passando, muito... Rodar na estrada e... Experiências diversas, tem muita mesmo. Isso para falar só de carro né, porque poderia ser de contar, nossa, eu encontrava muitas pessoas, muitos clientes que eu visitei durante anos e anos, de repente chega no fulano e "Olha, o fulano morreu!". Que pena, tem a filha dele e tal, filho dele e tal, mas continua. Muita experiência bacana também.

P/2 - Muito intensas né?

R - É, trabalhar na rua tem disso também. E, por exemplo, andar na zona norte toda, andar em lugares onde andei quando era moleque criança e é totalmente diferente né. Por exemplo, andar com 70 anos onde eu já andei com 6. E é totalmente diferente, ia quebrar a cabeça para saber onde é que era mesmo que eu morava, que eu andava aqui, que tudo mudou né?

P/1 - E de todas as mudanças, pelo que o senhor relatou, da a impressão de que o senhor tem um prazer grande nas relações humanas né?

R - Olha... Eu acho que eu tenho um problema de ser muito falante, às vezes quieto, as vezes falante demais né. Eu sou muito falante, então eu às vezes... Parece que no contato, na amizade, não vai sair de nada e depois fica um atropelo né? Mas assim... Ah, não sei. Acho que aproveitei a comunicação né.

P/1 - O senhor era um comunicador ou um vendedor?

R - Não, eu atendo os desejos dos clientes. Eu não gosto de dizer para o meu cliente: "Olha, eu vim te vender" eu prefiro que o cliente fala: "Olha, meu amigo, eu quero que você tenha o gosto de comprar de mim, quero ver" (risos). Então na verdade a venda sai fluindo né. A questão é o contato, atendimento, não precisa malhar muito não.

P/1 - É uma atividade prazerosa?

R - É. passou voando para mim. A parte que eu fiquei fechado escritório foi quanto? Foi 15 anos talvez né? 15 anos, tanto que eu me aposentei em 97 né, com... Sei lá quanto tinha. Tinha acabado de fazer 48 anos. Mas assim, vendas passou assim.

P/1 - Porque não é uma atividade pesada pro senhor.

R - Não, não é pesado e normalmente quando você tá no pique, ainda é jovem, ainda tá correndo bastante, quer vender mais e que ganhar mais,

e quer fazer mais resultado, o dia não cabe, as coisas não cabem no dia, não dá tempo. Por exemplo, hoje se eu visitar cinco, quatro clientes é um feito, mas quando eu comecei indo trabalhar em Mogi das Cruzes aí tal, não sei o que, fazia 16 clientes num dia, num pau só. Mas dava tempo, hoje o trânsito não deixa.

P/1 - O senhor não precisa de GPS de forma alguma né?

R - (risos) Então, na verdade eu não tenho nada disso no meu carro. E o pessoal fica: "Pô, mas você anda sem GPS, sem nada", eu falo: "Meu amigo, é para ir em tal lugar?". Eu me lembro que o pessoal fala, pessoal fala né, que nunca viu alguém que conheça mais São Paulo do que eu, mas assim, eu fui sair uma vez com sujeito que entrou de sócio na Saluas e tal, e ele foi ligar o celular com os mapas e tal, e eu falei: "Pra que isso, rapaz? Não precisa disso" e tal "Não, mas o mapa tá dizendo pra você e por aí", falei: "Não, nós vamos cortar por aqui e é metade do caminho".

P/1 - Não precisa de Waze não né?

R - Não. Tenho, mas não uso.

[pausa]

P/1 - A gente tá encerrando.

R - Falei demais? Acabou o tempo? (risos)

P/2 - Tá ótimo. A gente também perguntou se você queria contar mais alguma coisa, você disse que fechou.

R - Não, se fosse realmente contar tudo, aí..

P/1 - Não saia daqui hoje (risos).

R - Não da, não dá mesmo, é muita coisa. Depende assim, se for um detalhe de criança, de não sei o que, aí..

P/1 - O senhor sente que a gente conseguiu fazer um resumo da sua vida até aqui?

R - Pouquinho, viu? (risos)

P/1 - É, resumo.

P/2 - Mas pra nós foi bastante rica a história, deu pra perceber bem como é a dinâmica de trabalhar com vendas, por exemplo.

R - Se fosse contar as particularidades por exemplo dos clientes, o que cada um é, cada personalidade, em cada local, é enorme também.

P/2 - É. Dá um livro de muitas páginas.

P/1 - É uma sugestão aí, pra quando tiver mais tempo pra se dedicar aí as suas memórias, né? Registrar isso.

R - Eu acho que sim (risos).

P/1 - Um homem de letras né? Um comunicador.

R - É que na verdade, independente dessa questão escolar, acadêmica sei lá, não sei o que, o papo com freguês é a pessoa mais agradável, é a coisa mais agradável né, o papo com lojista. Porque você entra numa loja, mas talvez lá pessoa mais preparada seja o dono de uma loja, o grande ou pequeno, mas você conversa com todo mundo, repositor, estoquista, vou entrar no meio do pó lá para ver as coisas, então isso aí é uma diversão, eu considero isso uma diversão, então... E andar, dirigir para mim era uma diversão, sempre gostei muito de dirigir, então a gente dirigia muito rápido também porque a gente acostuma né, fica assim meio cara de pau, mas não adianta agora você querer dirigir rápido que você não consegue, por causa do trânsito, mas dá muita mobilidade e facilidade de viajar e tal, a área de vendas faz isso, te deixa assim muito perto no trânsito e tal.

P/2 - Muito bom.

P/1 - Wilson, nosso agradecimento por ter aceito o convite, de dividir a sua história com a gente, com o Museu da Pessoa, fazer esse registro, e a gente agradece e deseja (deseja) que você seja muito feliz aí pelos tantos anos.

R - Eu não vejo a hora que a minha mulher se aposenta para gente passear (risos). Para eu parar de vender, sabe? Mas a ideia é essa né. Eu tô trabalhando assim, fazendo um pouquinho, porque rumo aos 70 anos e tal, mas é... Eu tô mais andarilho e motorista que outra coisa.

P/1 - Muito bom.

P/2 - Muito obrigada, a gente está encerrando.